

TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

Mariane Zanella Ferreira*

A Teoria da Sedução Generalizada (TSG), proposta por Jean Laplanche, é uma teoria recente, quando comparada à psicanálise freudiana, mas que vem ganhando corpo no campo psicanalítico. Suas contribuições nos permitem outro olhar sobre a constituição do psiquismo, bem como acerca das intervenções a serem realizadas na clínica psicanalítica.

Nesse sentido, o presente trabalho visa introduzir, de forma sucinta, os principais pressupostos da TSG, através de uma pesquisa teórico-conceitual, de cunho bibliográfico, que tem como base o texto “Três Acepções da Palavra Inconsciente” de Laplanche (2003), bem como outros trabalhos do autor e de alguns teóricos comprometidos com o estudo da TSG.

A partir dessas contribuições, buscaremos compreender os principais conceitos dessa teoria, especialmente no que se refere à sua explicação acerca do psiquismo humano e de sua formação. Para tanto, a compreensão do conceito de Situação Antropológica Fundamental adquire especial importância para o entendimento da TSG; assim como a noção de inconsciente para o autor, que não se restringe ao inconsciente recalcado de Freud, admitindo a existência de outro inconsciente, que Laplanche denominou de inconsciente encravado. Também buscaremos relacionar, de forma breve, essas noções de inconsciente com o que o autor denomina de universo do mito-simbólico, presente na cultura, o qual pode atuar como assistente de tradução das mensagens enigmáticas emitidas pelo outro adulto.

O primeiro ponto importante para a compreensão da Teoria da Sedução Generalizada corresponde à sua gênese. A TSG tem sua origem atrelada à retomada da teoria da sedução de Freud por Laplanche, que a modifica, amplia e tece novas considerações. A teoria da sedução, inicialmente proposta por Freud como explicação para a etiologia das neuroses, dizia respeito a uma sedução focal ou pedófila da criança em idade precoce, por parte de um adulto ou criança mais velha. Mais tarde, em sua carta de número 69, de 21 de setembro de 1897, enviada a Fliess, Freud questiona-se acerca da concretude de sua teoria das neuroses (Freud, 1950/1996). No lugar da sedução por parte do adulto, o pai da psicanálise passa a considerar a fantasia infantil e a realidade psíquica do neurótico.

A sedução, para Laplanche, não compreende uma relação patológica, como a pensada por Freud inicialmente, mas sim uma situação geral, da qual nenhum ser humano pode escapar, que ele nomeia de Situação Antropológica Fundamental (SAF). O autor a descreve como sendo a relação assimétrica adulto-criança, na qual o adulto é provido de um inconsciente sexual, formado de resíduos infantis, enquanto a criança não possui ativadores hormonais da sexualidade e, no início, não tem fantasmas sexuais (Laplanche, 2003).

Nesse sentido,

A Situação Antropológica Fundamental confronta, num diálogo simétrico/dissimétrico, um adulto que possui um inconsciente sexual (essencialmente prégenital) e um *infans* que ainda não constituiu um inconsciente, nem a oposição inconsciente/pré-consciente. O inconsciente sexual do adulto é reativado na relação com a criança pequena, com o *infans*. As mensagens do adulto são mensagens préconscientes-conscientes, elas são necessariamente "*comprometidas*" (no sentido do retorno do recaiado) pela presença da "interferência" inconsciente. Estas mensagens são, então, *enigmáticas*, ao mesmo tempo para o emissor adulto e para o receptor *infans*. (Laplanche, 2003, p. 406-407)

Os significantes enigmáticos são emitidos pelo adulto quando dos cuidados corporais, de higiene e alimentação, destinados ao bebê. A criança, que só tem registros em relação à autoconservação, encontra-se em posição de passividade, atuando como receptor de uma mensagem que não tem meios simbólicos ou físicos para compreender. Nesse aspecto, o significativo enigmático tem um valor traumático para o infante. (Tarelho, 1999)

No momento da SAF, o infante se encontra no que Laplanche (1992) chamou de um "antes da clivagem", que corresponde a um estado sem inconsciente, ou, em última instância, sem a distinção entre um sistema pré-consciente e um sistema inconsciente. De acordo com Tarelho (1999), a explicação para a constituição do inconsciente e da pulsão a ele vinculada é dada por Laplanche através do recalamento originário. Este seria o resultado de um processo no qual as mensagens inconscientes provenientes do adulto suscitam um enigma na criança, exigindo dela um trabalho de tradução simbólica. Dessa tradução, sempre parcial, deriva um

resto, um resíduo que, por meio do recalque, vai dar corpo ao reprimido, constituindo o que Laplanche chama de objetos fonte da pulsão.

Assim, a tradução da mensagem enigmática, tal como o recalque originário, é realizada em dois tempos, “no primeiro tempo a mensagem é simplesmente inscrita, ou implantada, sem ser compreendida. [...] Num segundo tempo a mensagem é revivificada do interior. Ela age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar” (Laplanche, 2003, p. 407). Como o infante não é capaz de traduzir as mensagens do adulto apenas com os códigos autoconservativos de que dispõe, ele deve recorrer aos códigos propostos pela cultura, que compreendem o que Laplanche (2003) denominou de universo do mito-simbólico. Tal universo tem por função fornecer ao infante “uma ‘ajuda à tradução’, não o deixando no desamparo face à tarefa de conter, de simbolizar, de ‘tratar’ as mensagens adultas que não cessam de atacá-lo, à tarefa de se historizar graças a elas e contra elas”. (Laplanche, 2003, p. 416)

No entanto, a tradução da mensagem é sempre imperfeita, incompleta, e produz restos não traduzidos que, através do recalque, darão origem ao inconsciente sexual freudiano. Tal inconsciente se constitui em oposição ao sistema pré-consciente, separando-se deste pela barreira da clivagem, processo de divisão que instaura o Eu do indivíduo, constituindo-o enquanto sujeito. Esse inconsciente recalado tem por características a ausência de temporalidade; a ausência de coordenação e de negação; e o realismo do inconsciente. (Laplanche, 2003)

Além do inconsciente recalado de Freud, Laplanche propõe a existência de outro inconsciente, o inconsciente encravado, que seria o resultado do fracasso total da tradução das mensagens enigmáticas do outro adulto. Tal inconsciente, segundo Laplanche (2003), “é mantido por uma fina camada de defesa consciente, funcionando segundo um modo aparentemente lógico, ‘operatório’. A modalidade principal desta defesa não é o recalque/tradução, mas a recusa (*Verleugnung*).” (p. 408-409)

Assim, enquanto o inconsciente neurótico/normal é explicado pelo fracasso parcial da tradução, o inconsciente psicótico/*borderline* se relaciona com o fracasso radical da tradução, no qual a mensagem original - implantada ou intrometida - constitui o inconsciente encravado.

Acerca da implantação/intromissão da mensagem, Laplanche (citado por Santi, 2004) pontua que:

A implantação é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao lado dele, como sua variação violenta, é preciso dar lugar à *intromissão*. Enquanto que a implantação permite ao indivíduo uma retomada ativa, com sua dupla face tradutiva-repressiva, é preciso tentar conceber um processo que estabelece um obstáculo a essa retomada, curto-circuita as diferenciações das instâncias em vias de formação e põe no interior um elemento rebelde à toda metábole. (p. 133-134)

De acordo com Laplanche (2003), o modelo do aparelho neurótico-normal proposto por Freud, vem sendo confrontado, cada vez mais, por casos limites, psicoses, psicopatias e perversões. Enquanto que na teoria de Freud esses casos se afastam, Laplanche propõe uma visão unitária dos modelos neurótico/normal e psicótico/*borderline* a partir da sua teoria da sedução generalizada. Dessa forma, o autor não coloca o inconsciente encravado como privilégio exclusivo do fracasso radical da tradução, sendo que no modelo neurótico existiria:

uma espécie de *estoque de mensagens não-traduzidas*: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução. Tradução que só pode ser provocada por uma reatualização, por uma reativação. O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de "purgatório" das mensagens que esperam. (Laplanche, 2003, p. 410)

Assim, de acordo com Laplanche (2003), as mensagens encravadas podem ser traduzidas, especialmente na psicoterapia dos casos *borderline* ou psicóticos; e a cura dos neuróticos perpassa pelo aumento do estoque de mensagens no inconsciente encravado, através da interpretação, para, só então, serem retraduzidas e integradas a um pré-consciente mais rico. Desse modo, o inconsciente encravado constitui-se de mensagens não-traduzidas, que sofreram um fracasso da tradução; de elementos de mensagem ainda não traduzidos, aguardando tradução; bem como de mensagens destraduzidas, à espera de uma nova tradução.

Nesse sentido, Laplanche (2003) aponta para a possibilidade da existência do mecanismo neurótico do recalçamento e do mecanismo perverso ou psicótico da recusa, não como presente somente em certos indivíduos, como postula Freud, mas comum a todos os seres humanos. O inconsciente encravado e o inconsciente recalcado são compreendidos como partes do psiquismo ignorantes uma da outra, mas com passagens de uma a outra. Elas possuem entre si o limite da clivagem, que é flutuante e pode ser atravessado quando de um novo processo de tradução. No neurótico-normal, o inconsciente recalcado é predominante, enquanto que no não-neurótico predomina o inconsciente encravado.

Percebemos, assim, que o que Laplanche propõe, através da Teoria da Sedução Generalizada, é uma concepção da constituição do psiquismo pela inter-relação do infante com o outro adulto, que o insere no plano do sexual através da Situação Antropológica Fundamental. É essa inserção, cerceada pelas mensagens enigmáticas inconscientes do outro, que inauguram a individuação desse sujeito que, tomado pelo enigma, é também impulsionado à tradução. Essa tradução, sempre incompleta, dá origem aos objetos fonte da pulsão e ao inconsciente recalcado no sentido freudiano. A falha radical dessa tradução é o que forja no psiquismo o inconsciente encravado, o núcleo psicótico presente em todos os homens.

No que se refere a clínica psicanalítica da TSG, sua função consiste em fornecer elementos e/ou ajudantes de tradução que possibilitem a retradução do que foi outrora traduzido de forma imperfeita, bem como possibilitar o acesso do paciente à códigos que permitam traduzir as mensagens que permanecem encravadas, a espera de tradução. Os estudos acerca da aplicabilidade da TSG na prática clínica ainda estão em desenvolvimento, já que Laplanche deteve-se mais aos pressupostos teóricos da mesma. No entanto, com os avanços da teoria, novas pesquisas vão sendo realizadas, novos teóricos importantes surgem no discurso da TSG, que tende a se ampliar e a se consolidar dentro da Psicanálise.

Referências

Freud. S. (1996) Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 219-331). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Laplanche, J. (1992) *O Inconsciente e o id.* (Problemáticas IV). São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. (2003) Três acepções da palavra "inconsciente" no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise*, 10(3), 403-418.

Santi, P. L. R. de. (2004, julho/dezembro) A paranóia como crise da autoridade. Ou, não é só porque você é paranóico que não tem ninguém te perseguindo. *Psyché*, 8(14), 123-146.

Tarelho, L. C. (1999) *Paranoïa et théorie de la séduction généralisée*. Paris: PUF.